



ARTIGO

Os dez primeiros anos de Jornadas Portuguesas de Paleopatologia: síntese e balanço

Ana Luísa Santos^{a*}, Ricardo A. M. P. Gomes^a

^a Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

*Autor correspondente: alsantos@antrop.uc.pt

Artigo recebido no dia 8 de Abril de 2019 e aceite no dia 24 de Abril de 2019

RESUMO

As Jornadas Portuguesas de Paleopatologia, de periodicidade bienal, assinalaram em novembro de 2018 a sua primeira década. Este trabalho tem como objetivos registar e interpretar o percurso, as tendências e as conquistas auferidas. Para tal, foram analisados os livros de *Programa-resumos*, os dados coligidos para as sessões de encerramento e as estatísticas obtidas pelo *Estudo Geral*. No período em análise foram apresentadas 22 palestras, de carácter interdisciplinar, 84 comunicações orais e 137 posters. Assistiram 500 estudantes e investigadores maioritariamente falantes de Português e Espanhol. Genericamente, todos os grupos de patologias foram apresentados, havendo alguns trabalhos sobre variações morfológicas. Os estudos analisaram, com recursos a diversas técnicas, indivíduos provenientes de nove países. A internacionalização das Jornadas está patente também na Comissão Científica, nos palestrantes convidados e nos acessos aos livros de *Programa-resumos* disponíveis no *Estudo Geral*. Paralelamente, realizaram-se simpósios, workshops, uma mesa redonda e um lançamento de livro. Este trabalho, para além de sistematizar os dados relativos

às seis edições das Jornadas, desejavelmente consistirá numa ferramenta de reflexão, tanto para a organização como, genericamente, para a disciplina em Portugal.

Palavras-chave: Congresso, Antropologia Biológica, Doença, Saúde, Universidade de Coimbra.

ABSTRACT

The Jornadas Portuguesas de Paleopatologia, with a biennial periodicity, celebrated in November of 2018 its first decade. The objective of this work is to register and interpret the course, tendencies and achievements of this event. To fulfill this purpose, we analyzed the Program-abstract books, the data collected for the closing sessions and the statistics obtained by the “*Estudo Geral*”. In the period under analysis were presented 22 lectures, of an interdisciplinary nature, 84 oral communications and 137 posters. Five hundred students and researchers attended the meeting, mostly Portuguese and Spanish speakers. Generally, all groups of pathologies were presented, and a few works on morphological variations. The studies evaluated, using resources from different techniques, individuals from nine countries. The internationalization of the Jornadas Portuguesas de Paleopatologia is also evident in the Scientific Committee, the invited lectures, and in the access of the Program-abstract books, available from the *Estudo Geral*. At the same time, some events were held, such as symposiums’, workshops, working tables and a book launching. This work, more than systematize data from the six editions of the Jornadas, will desirably consist of a reflection instrument, both for the organization and, generally, for the discipline in Portugal.

Keywords: : Scientific meeting, Biological Anthropology, Disease, Health, University of Coimbra

Introdução

Em 2002 a Universidade de Coimbra acolheu o 14º congresso europeu da *Paleopathology Association* ([European Meeting of the Paleopathology Association 2002](#); [Santos e Cunha, 2012](#)). Esta reunião científica atraiu, à época, um número recorde de 196 participantes provenientes de 22 países dos quatro cantos do mundo ([Cunha e Santos, 2003](#); [Santos e Cunha, 2012](#)). No Comité de organização estiveram Carina Marques e Vítor

Matos, e Francisco Curate colaborou como voluntário. Eventualmente, a participação activa que tiveram neste congresso, numa área científica que começou a efervescer em Portugal na segunda metade da década de 1990, e na qual se iniciavam, terá sido inspiradora da jovem Comissão Organizadora (CO) que incluía, também, Célia Lopes, Cristina Cruz, Filipa Cortesão Silva e Sandra Assis. Assim, em 2008 propuseram a criação das Jornadas Portuguesas de Paleopatologia (JPP)

em parceria com o Grupo de Estudos em Evolução Humana ([GEEvH](#)).

A proposta de um congresso periódico com a finalidade de revelar os trabalhos produzidos no país, nomeadamente pelos estudantes e jovens investigadores, foi bem acolhida pelo então Departamento de Antropologia (em 2009 foi criado o Departamento Ciências da Vida - DCV), pelo Museu Antropológico (MA, posteriormente Museu da Ciência) e pelo Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS).

A 6 de junho de 2008, teve lugar a primeira edição desta reunião bienal, que decorre em anos pares, ou seja, alternadamente com o congresso da *Asociación Española de Paleopatología* ([AEP](#)), que começara a atrair participantes portugueses ([Santos e Cunha, 2012](#)).

A configuração da Comissão Organizadora mudou ligeiramente ao longo dos anos. Ao núcleo original, Carina Marques (excepto em 2016), Célia Lopes, Cristina Cruz (ausente em 2014 e 2018), Filipa Cortesão Silva, Francisco Curate, Sandra Assis e Vitor Matos, juntaram-se Mário Peneda (pontualmente em 2010), Inês Leandro (desde 2014) e Inês Oliveira-Santos (desde 2016).

A partir das III JPP a organização começou a receber o apoio de estudantes voluntários, conforme consta nos livros de *Programa-resumos* disponíveis no repositório digital da Universidade de Coimbra, denominado de *Estudo Geral* ([I Jornadas Portuguesas de Paleopatologia, 2008](#); [Marques et al., 2010](#); [2012](#); [2014](#); [2018](#); [Lopes et al., 2016](#); [Santos e Cunha, 2012](#)).

O presente trabalho tem como desideratos efectuar uma síntese dos primeiros dez anos, - tendo por base os dados apresentados nas sessões de encerramento de cada uma das seis edições realizadas - e, simultaneamente, realizar um balanço do impacto das Jornadas na investigação paleopatológica em Portugal.

As Jornadas em números

Ao longo das seis edições verificou-se um ligeiro aumento do número de trabalhos apresentados. O efectivo de participantes tem-se mantido aproximadamente constante, conforme pode ser visualizado na [Tabela 1](#), onde se coligiram os dados publicados na *Paleopathology Newsletter* ([Santos, 2008](#); [2011](#); [2012](#); [2015](#); [Buckberry, 2016](#)) e os valores da VI edição, ocorrida em novembro de 2018. Foram apresentadas 22 palestras, 84 comunicações orais e 137 em poster, o que perfaz 240 trabalhos. O somatório dos participantes das seis edições a totalizar o número redondo de 500. Com uma média de 83 participantes por edição, as JPP consolidaram-se como um marco importante no desenvolvimento da Paleopatologia Portuguesa.

Uma possível explicação para a estabilidade numérica dos participantes está na presença constante de um núcleo de investigadores nacionais e de alunos portugueses e estrangeiros que frequentam o Mestrado em Evolução e Biologia Humanas (MEBH) e o Doutoramento em Antropologia. A este último grupo somam-se estudantes que chegam à Universidade de Coimbra em intercâmbio, designadamente no programa Erasmus.

Ao contingente nacional ou a estudar em Portugal, adiciona-se um pequeno número de investigadores estrangeiros, provenientes maioritariamente de Espanha. Destaca-se ainda a presença assídua de Josefina Bautista, do *Instituto Nacional de Antropologia e História do México* e de alguns estudantes europeus e da América do Sul.

Um aumento do número de participantes poderá ser conseguido através da captação de estudantes e investigadores portugueses de áreas próximas, e pela atração de estrangeiros que trabalhem em paleopatologia. No entanto, o facto da língua oficial ser o português limita a presença de investigadores não familiarizados com o idioma. Consequentemente, o universo de expansão das JPP situa-se nos falantes de português e de espanhol, pensando na facilidade de entendimento mútuo. No universo lusófono, ao que se conhece, apenas Portugal e Brasil

desenvolvem pesquisas em paleopatologia. Eventualmente uma melhor divulgação e, ao contrário do que tem acontecido, um anúncio mais precoce das datas do evento possa aumentar a participação. Em especial no caso dos investigadores centro/sul-americanos, onde a difusão tardia das datas do evento - e dos temas abordados nas palestras, simpósios/mesas redondas, condicionam a sua participação, quer por questões de financiamento quer pela necessidade de emissão de visto (nalguns países). No entanto, não é de descurar o papel limitativo do elevado custo das viagens transatlânticas, apesar dos baixos valores relativos à taxa de inscrição, alojamento e alimentação na cidade de Coimbra.

Importa destacar a crescente tendência de internacionalização dos palestrantes convidados ([Tabela 2](#)).

Tabela 1 - Número de trabalhos e de participantes em cada edição das Jornadas Portuguesas de Paleopatologia.

Jornadas	Trabalhos Apresentados			Totais	Número de Participantes
	Palestras	Orais	Posters		
I	5	8	20	33	88
II	5	11	15	31	84
III	4	16	24	44	91
IV	3	15	18	36	58
V	2	15	27	44	92
VI	3	19	33	52	87
Totais	22	84	137	240	500

A interdisciplinaridade das palestras

A proclamada abordagem biocultural e interdisciplinar da Paleopatologia está bem patente na seleção dos palestrantes convidados ([Tabela 2](#)). Nas I Jornadas, Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia foi um dos convidados. Desta forma, foi prestada a devida homenagem ao professor responsável, desde a década de 1980, pelo desenvolvimento da Antropologia na Universidade de Coimbra e pela criação da licenciatura em 1992. A palestra *A sacralização e a dessacralização dos restos humanos* esteve na interface entre a Antropologia Social e Cultural e a Antropologia Biológica, onde se situa a subdisciplina da Paleopatologia.

Depois das primeiras jornadas, em que os palestrantes foram essencialmente internos, nas seguintes, para além de se manter o carácter interdisciplinar, iniciou-se a internacionalização. Muito provavelmente o facto de os elementos da CO terem frequentado o Mestrado em Evolução Humana (antecessor do MEBH, [Cunha 2015](#)) influenciou a selecção de temáticas das palestras das primeiras edições, focadas em evidências patológicas no registo paleoantropológico. Assim, foi convidada Ana Gracia Téllez com grande percurso no estudo dos Hominíneos de Atapuerca (Espanha) e Eugénia Cunha docente de várias disciplinas da área e, então, coordenadora do mestrado.

O crescente interesse na Antropologia Forense conduziu ao convite, nas II e III edições, dos investigadores Francisco Etxeberria e Luis Rios e co-autores que explanaram sobre o contributo da

paleopatologia na identificação da causa de morte de indivíduos inumados em valas comuns, nomeadamente, durante a Guerra Civil espanhola.

Os convidados portugueses, exteriores ao DCV, vieram de áreas bastantes diversas. Desde logo da imagiologia, disciplina que auxilia a paleopatologia desde a descoberta dos raios-x por Wilhelm Conrad Röntgen e Bertha Ludwig em 1895. Pedro Belo Soares e João Pedro de Lima e co-autores discorreram sobre técnicas recentes na identificação de osteoporose, respetivamente na I e na II edições, temática a que se dedica Francisco Curate (membro da CO). Nas III JPP, Carlos Prates e co-autores expuseram o estudo realizado no âmbito do *Lisbon Mummy Project* espólio do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Os resultados deste projeto foram publicados na revista *International Journal of Paleopathology* ([Prates et al., 2011](#); [Prates et al., 2015](#)).

Da História vieram Laurinda Alves, com a temática *Saúde pública e poder médico [...] nos finais do Antigo Regime*, e Paulo Drumond Braga que tratou das doenças e causas de morte dos reis de Portugal, síntese da investigação conducente ao seu livro ([Braga, 2014](#)) saído a prelo no ano das IV JPP.

A História da Medicina não poderia estar ausente. Dela se ocupou logo na I edição o cirurgião João Patrício, com um trabalho sobre *ex-votos*. De referir que o autor publicou recentemente um livro sobre esta temática da sua eleição ([Patrício, 2018](#)). Maria do Sameiro Barroso, por seu turno, trouxe às JPP a medicina romana. João David de Moraes abordou *As epidemias no êxodo dos Judeus do*

Egipto e Cristina Moisão os traumatismos na Idade Média (tema acessório ao livro saído a prelo em 2018). O contacto com alguns destes médicos terá surgido pela participação regular de Vítor Matos e Célia Lopes no congresso Amato Lusitano, que ocorre anualmente em Castelo Branco.

Tendo como inspiração o trabalho do Professor João Patrício, Maria Arminda Miranda, Maria do Rosário Martins e Ana Luísa Santos apresentaram nas II JPP o estudo das representações de doenças na coleção de *ex-votos* do então Museu Antropológico (atualmente este espólio encontra-se no Museu da Ciência). De referir que a última autora tinha apresentado o percurso da paleopatologia na primeira palestra das JPP.

Apesar destas reuniões científicas serem essencialmente dedicadas à paleopatologia humana, a zoopaleopatologia esteve patente na III edição com a palestra de Cleia Detry e, em 2016, Cláudia Costa e António Valera assinaram um estudo de dois cães do recinto dos Perdigões, datados do quarto e terceiro milénios antes da nossa era.

A utilização dos arquivos hospitalares tem tido bastante ênfase na paleopatologia portuguesa. Nesse sentido, Ana Margarida Dias da Silva apresentou o estudo do arquivo clínico do Hospital da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Coimbra (1851-1926) onde estiveram internados alguns dos indivíduos das coleções identificadas ([Santos e Silva, 2016](#)).

Nas últimas duas edições, as convidadas vieram do Reino Unido, Jo Buckberry

apresentou o projeto de digitalização em curso pela Universidade de Bradford, enquanto Mary Lewis proferiu uma palestra sobre paleopatologia infantil.

Os trabalhos apresentados

As apresentações orais e em poster apresentadas nas JPP foram analisados por local de proveniência dos indivíduos e amostras, pelo tipo de patologia, cronologia e de técnicas utilizadas. Esses dados expõem-se de seguida.

Proveniência das amostras

A proveniência das amostras portuguesas que serviram de base aos estudos apresentados nas JPP é observável na [Figura 1](#). Encontram-se representados 15 dos 18 (83,3%) distritos de Portugal continental, à exceção de Guarda, Vila Real e Viseu. As regiões com maior número de trabalhos apresentados são Coimbra (22%), Lisboa (20%), Évora (11%), Santarém (10%) e Beja (7%). Estes resultados são expectáveis, pois as Universidades de Coimbra e de Lisboa possuem coleções osteológicas identificadas, alvos de constantes análises. Nestas universidades, juntamente com Évora, é também formalmente lecionada a Antropologia Biológica. As consecutivas campanhas arqueológicas realizadas em necrópoles de Santarém e do Alentejo justificam as seguintes posições.

Tabela 2 - Listagem, por ordem cronológica de ocorrência, dos temas e autores das palestras apresentadas nas JPP.

Jornadas (ano)	Título	Autor(es)	Instituição
I (2008)	<i>Paleopatologia: dos primórdios à perspectiva biocultural</i>	Ana Luísa Santos	Departamento de Antropologia - UC
	<i>Fundamentos da semiótica radiológica para Antropologia</i>	Pedro Belo Soares	Faculdade de Medicina – UC
	<i>A sacralização e a dessacralização dos restos humanos</i>	Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia	Departamento de Antropologia - UC
	<i>Será que Australopithecus, Neandertais e outros hominíneos ficavam doentes?</i>	Eugénia Cunha	Departamento de Antropologia - UC
	<i>Moléstias e ex-votos</i>	João Patrício	Faculdade de Medicina – UC
II (2010)	<i>Patologías de los homínidos de Atapuerca</i>	Ana Gracia Téllez	Universidade de Alcalá de Henares
	<i>A infância da humanidade: os casos conhecidos de patologias de crianças</i>	Eugénia Cunha	Departamento de Ciências da Vida – UC
	<i>A densitometria óssea em paleopatologia</i>	João Pedroso de Lima, Anabela Albuquerque, Joana Correia	Faculdade de Medicina – UC Serviço de Medicina Nuclear, Hospitais da Universidade de Coimbra
	<i>As epidemias no êxodo dos Judeus do Egipto</i>	João A. David Morais	Universidade de Évora
	<i>Evidências de doenças, acidentes e tratamentos representados em ex-votos Portugueses dos séculos XVIII-XX</i>	Maria Arminda Miranda, Maria do Rosário Martins, Ana Luísa Santos	Departamento de Ciências da Vida – UC
	<i>Os animais ficam doentes?</i>	Cleia Detry	Uniarq, Lisboa
III (2012)	<i>Bracara Augusta: sob a protecção de Esculápio e Higeia</i>	Maria do Sameiro Barroso	Secção de História da Medicina, Ordem dos Médicos
	<i>Um encontro em Lisboa: radiologia, múmias e paleopatologia</i>	Carlos Prates, Sandra Sousa, Carlos Oliveira	Imagens Médicas Integradas, Lisboa
	<i>El valor de la patología en los procesos de identificación y en la interpretación de la causa de muerte en las fosas comunes</i>	Francisco Etxeberria	Universidade do País Basco

Tabela 2 (cont.).

Jornadas Ano	Título	Autor(es)	Instituição
IV (2014)	<i>The value of morphological features in individual identification: the case of the Spanish Civil War</i>	Luis Ríos, Lourdes Herrasti, Berta Martínez, Almudena García-Rubio, Francisco Etxeberria	Museu Nacional de Ciências Naturais, Madrid
	<i>Os Reis de Portugal na doença e na morte: percursos de uma investigação</i>	Paulo Drumond Braga	Escola Superior de Educação Almeida Garret, Lisboa
	<i>Saúde pública e poder médico em Portugal nos finais do Antigo Regime: actores, políticas e práticas</i>	Laurinda Abreu	Universidade de Évora
V (2016)	<i>A assistência hospitalar em Coimbra no período da Monarquia Constitucional e da 1ª República: o caso da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Coimbra (1851-1926)</i>	Ana Margarida Dias da Silva	Venerável Ordem Terceira, Centro de História da Sociedade e da Cultura - UC
	<i>Digitised diseases: 3D models of pathological bone</i>	Jo Buckberry	Universidade de Bradford, Reino Unido
VI (2018)	<i>Traumatismos medievais em Portugal e seus agentes</i>	Cristina Moisão	Investigadora independente
	<i>Child palaeopathology: principals and potential</i>	Maris Lewis	Universidade de Reading, Reino Unido
	<i>A epidemia da gripe Pneumónica (1918-19) em Portugal no seu contexto histórico</i>	José Manuel Sobral	Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

Para além das amostras portuguesas, foram estudados vestígios provenientes de outros países. Como se pode observar na [Figura 2](#), Espanha é o país com maior número (44%) de trabalhos, seguido do Brasil (17%).

De destacar a representatividade dos falantes de espanhol na América Latina, com as amostras da Argentina (9%), México (7%) e Chile (4%) a corresponderem a 20% dos trabalhos. Constata-se também a presença de

indivíduos originários de países como Dinamarca, Egito e Itália (cada um com dois trabalhos) e Jamaica e Polónia (um trabalho cada). De referir que alguns destes estudos possuem co-autores portugueses.

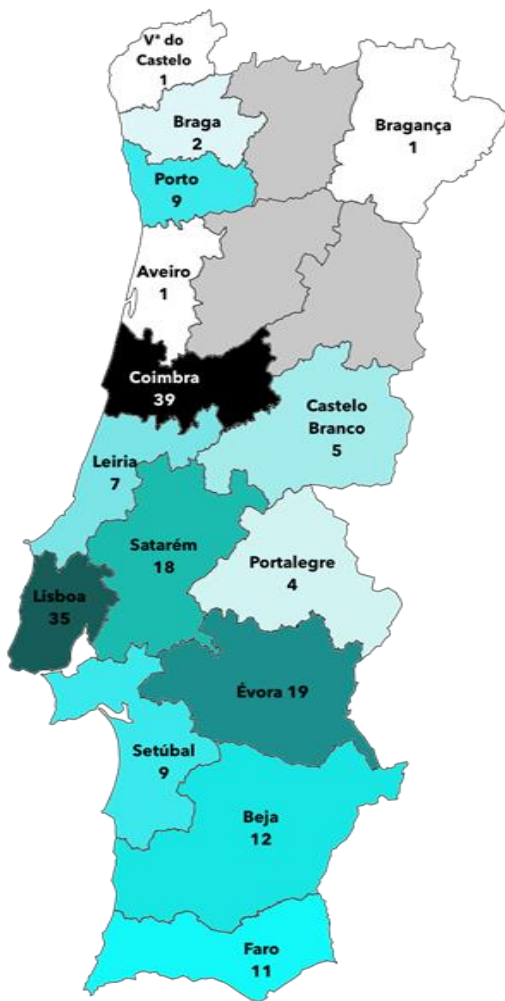


Figura 1 - Distritos de proveniência das 173 amostras apresentadas nas JPP.

Tipos de patologias

As 'tendências' paleopatológicas ao longo destes últimos 10 anos ajudam a refletir sobre

o desenvolvimento da disciplina, especialmente no contexto português. Para tal, as temáticas dos trabalhos apresentados foram agrupadas em 13 categorias ([Figura 3](#)), construídas pelos autores.

Verifica-se o domínio das patologias infecciosas ($n=38$), porém, este grupo estará sobrevalorizado porque considera a 'periostite', lesão com elevada frequência. Outra hipótese, é o facto de existir um maior interesse nestas enfermidades, cuja história natural fornece informações fulcrais sobre a dinâmica das populações do passado. Em segundo lugar, encontram-se os estudos paleobiológicos ($n=37$). Categoria criada para incluir as investigações paleopatológicas gerais em determinada amostra populacional. Este tipo de estudos é bastante comum e muitas das investigações de mestrados e doutoramentos baseiam-se nesta abordagem. Considerando que um dos princípios fundadores das JPP foi permitir a estudantes a apresentação dos seus trabalhos, estes resultados não causam estranheza.

Outra casuística frequentemente apresentada foi a patologia traumática ($n=31$) e dentária ($n=28$) que, excecionalmente, inclui um trabalho de modificação dentária. Apesar da complexidade do estudo da patologia traumática, devido à dificuldade em obter amostras representativas, estes dados demonstram o interesse em torno desta temática. A patologia oral revela-se um elemento importante dentro das análises paleopatológicas, seja, por exemplo, através da análise da frequência de cáries e tártaro (não consiste propriamente numa doença) e a sua vinculação com a dieta, ou no estudo das

hipoplasias do esmalte dentário e a sua relação com episódios de stress fisiológico.

Com menor representatividade encontram-se a patologia articular degenerativa (n=7) e a patologia circulatória (n=2), esta última com baixa presença em amostras osteológicas. A patologia articular degenerativa, apesar de frequentemente representada no espólio osteológico, pela sua relação com os processos normais de senescência do esqueleto, exibe uma parca casuística. Poderá existir uma tendência para não atribuir especial relevância a esta alteração, justamente pela sua elevada frequência. Por vezes os investigadores tendem a procurar casos mais espetaculares, acabando por atribuir menor significado às alterações degenerativas mais comuns, que são, aliás, muito úteis no momento de reconstruir os modos de vida. A variação morfológica (n=4), não sendo uma patologia, foi aqui incluída porque alguns investigadores a relacionaram com o desenvolvimento de alterações patológicas.

Destaca-se ainda nas II JPP, a presença de um número importante de apresentações (n=3/27) sobre patologia metabólica, designadamente osteoporose, sendo o ano em que mais se discutiu este padecimento.

As restantes patologias apresentam distribuições variáveis ao longo dos anos e não é possível identificar uma orientação definida. Assim, é possível afirmar que os trabalhos apresentados nas JPP são muito variados e abarcam um amplo espectro dos territórios temáticos da Paleopatologia.

Cronologia dos indivíduos

O conhecimento dos períodos cronológicos abordados nos trabalhos apresentados, pode ser relevante para o entendimento da diversidade e evolução das patologias. Apesar de existir grande variedade nas denominações utilizadas pelos autores, tentou-se respeitar as nomenclaturas originais. Note-se ainda que um trabalho pode ter vestígios osteológicos de diferentes cronologias, nessa situação foram consideradas ambas.

Como se pode visualizar na [Figura 4](#), as amostras cobrem da pré-história à actualidade. Existe um maior número de trabalhos em indivíduos da Época Medieval (n=68), seguida do período Contemporâneo, onde se incluem as colecções identificadas (n=54), e do período Moderno (n=48). Estes três períodos, sensivelmente do último milénio, correspondem a cerca de 73% dos trabalhos. A preponderância da Época Medieval poderá estar sobrestimada pela escavação de necrópoles junto, ou no interior, de igrejas cuja cronologia abrange a Idade Moderna. Situação semelhante ocorre nos Períodos Moderno e Contemporâneo.

O contributo da (paleo)patologia para os estudos forenses verifica-se nas nove investigações apresentadas. As restantes cronologias correspondem, de alguma forma, a períodos onde o espólio osteológico está bastante bem representado, sobretudo na Europa e particularmente em Portugal, sendo compreensível que apareçam nesta análise. A designação Colonial refere-se ao contexto americano.

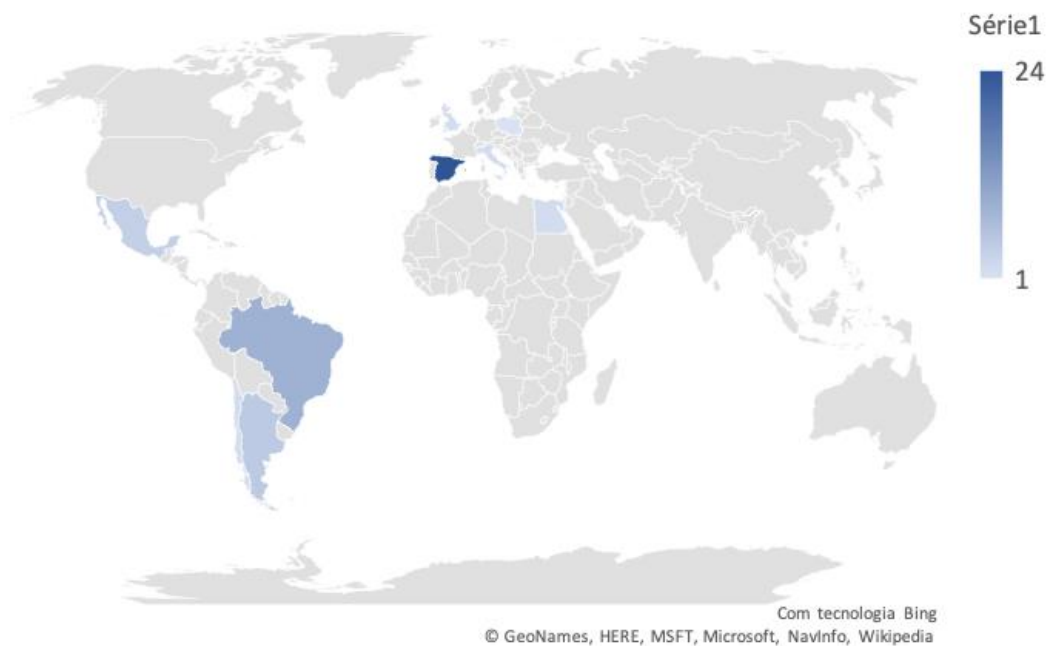


Figura 2 - Distribuição dos indivíduos/amostras oriundas de outros países (n = 54).

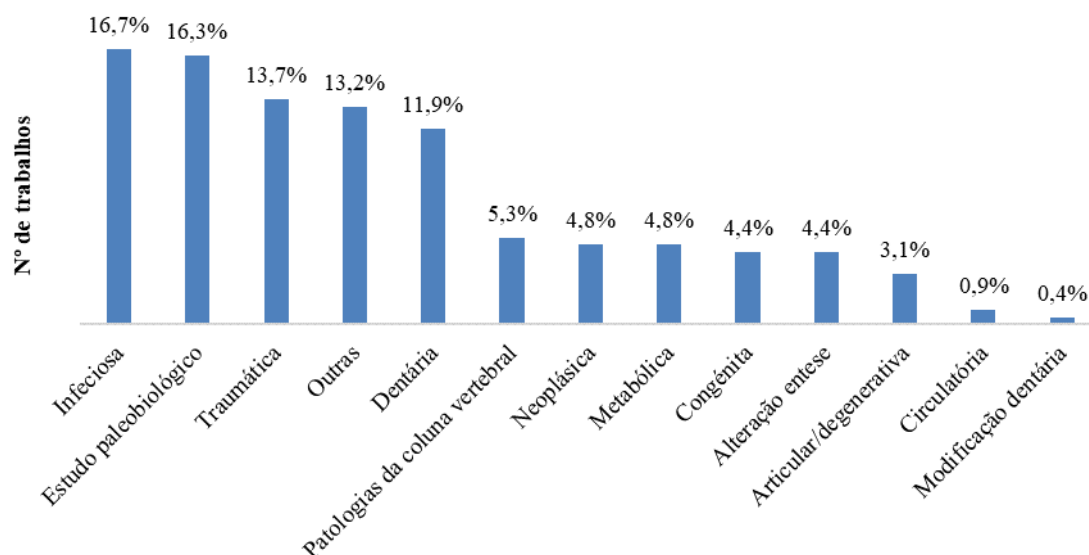


Figura 3 - Tipos de patologias apresentadas nas seis edições das JPP. Note-se que um trabalho pode analisar mais que um tipo. A categoria 'Outras' inclui por exemplo, estudos documentais, variações morfológicas, entre outras, que não cabem nas restantes categorias.

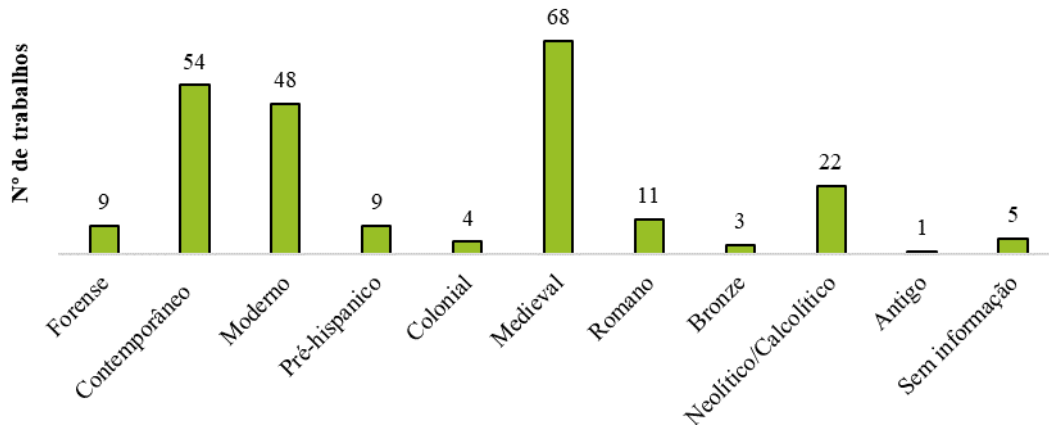


Figura 4 - Distribuição dos trabalhos pelas categorias cronológicas consideradas. A categoria 'Sem informação' aglutina os trabalhos que não apresentam este parâmetro.

As técnicas utilizadas

Para se indagar eventuais progressos técnico-metodológicos ao longo da última década, as metodologias adotadas foram organizadas como se pode observar na [Figura 5](#). Claramente existe uma preferência pela observação macroscópica constante nas seis edições. Complementarmente, ainda que em menor número, as abordagens imagiológicas e com recurso a análise de arquivos e documentos, estão presentes de modo constante em todas as edições. Estima-se, por isso, que tanto a abordagem documental, como a imagiologia surgem como ferramentas auxiliares do diagnóstico paleopatológico.

Paralelamente, observa-se uma crescente diversificação das metodologias utilizadas. A microscopia surgiu nos trabalhos de 2012 e a

espectrometria e a paleoparasitologia em 2014. Na edição de 2016 estabelece-se a tendência de uma diversificação de técnicas como, por exemplo, da microscopia electrónica. Na última edição constata-se todas as categorias consideradas e a inclusão da fluorescência de raio X.

Hoje em dia, os paleopatólogos estarão mais sensibilizados para a interdisciplinaridade e, apesar do exame macroscópico ser preponderante, sendo a base empírica da análise paleopatológica, vislumbra-se uma ânsia por outros dispositivos auxiliares que possam fornecer diagnósticos mais robustos. Esta propensão já tinha sido notada em 2012 por [Santos e Cunha](#).

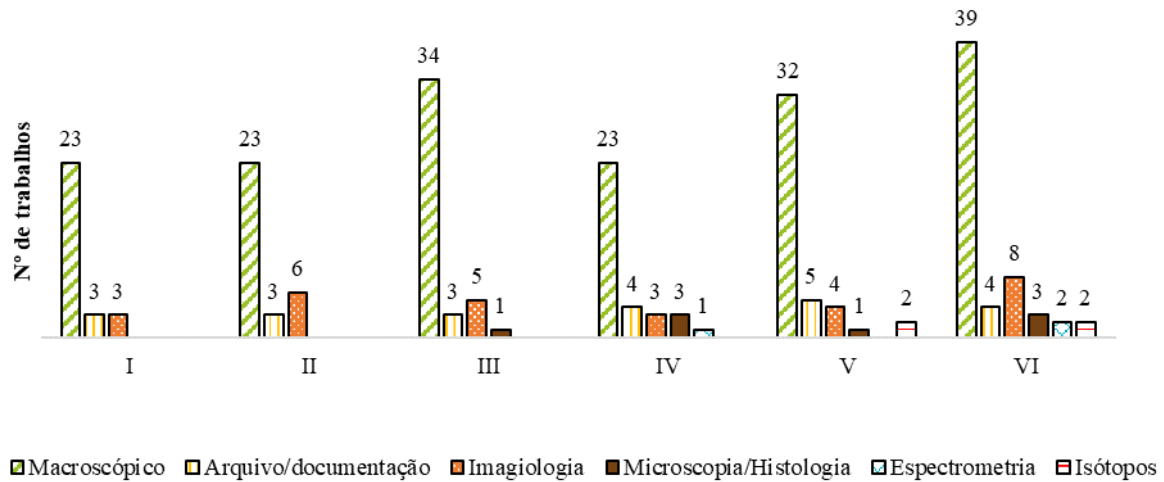


Figura 5 - Distribuição dos trabalhos pelas categorias cronológicas consideradas. A categoria 'Sem informação' aglutina os trabalhos que não apresentam este parâmetro.

Os prémios e menções honrosas atribuídos a estudantes

Desde o início que nas JPP, à semelhança do que acontece nos congressos da PPA e da AEP, foram atribuídos prémios aos melhores trabalhos apresentado por estudantes, muitos dos quais frequentavam, ou tinham concluído cursos, primeiro do Departamento de Antropologia e depois no sucedâneo DCV. Com o Processo de Bolonha, e a extinção das investigações no âmbito das licenciaturas, os candidatos começaram a ser, essencialmente, do Mestrado em Evolução Humana (posteriormente designado MEBH).

A lista dos onze laureados indica-se em seguida:

- em 2008, Sílvia Ramos apresentou dois casos de estudo extraídos do seu trabalho

final de Licenciatura em Antropologia (2004), em indivíduos exumados do Convento dos Lóios em Arraiolos, orientado por Ana Luísa Santos;

- em 2010, João Sardoeira, como mestrando, analisou esqueletos do antigo cemitério da *Ordem do Carmo no Porto*, sob orientação de Ana Luísa Santos e Francisca Alves Cardoso e Elena Ruiz, da Universidade Complutense de Madrid, em co-autoria apresentou patologias do astrágalo na colecção identificada da Escola de Medicina Legal de Madrid;

- Tânia Ferreira, em 2012 e, na edição de 2016, Andreia Perinha em co-autoria com Catarina Nogueira, receberam os respectivos prémios em trabalhos sobre

osteoporose sob a direcção de Francisco Curate.

- em 2014, Ana Rufino expôs o estudo sobre *[m]odificações dentárias intencionais e patologia oral em escravos africanos falecidos em Lagos*, integrado no projecto das orientadoras e co-autoras Maria Teresa Ferreira e Sofia Wasterlain;

- em 2016, houve novamente dois prémios, para além do trabalho anteriormente referido de Andreia Perinha, Cláudia Relvado apresentou *Um possível caso de poliomielite* em co-autoria com Ana Curto e Teresa Matos Fernandes.

- na última edição, Sofia Zdral, da Universidade de Autónoma de Madrid, revelou os resultados do estudo sobre a composição elementar dos ossos e a osteoporose e Laura Gonzalez Garrido, doutoranda da Universidade de León, apresentou um estudo de um crânio masculino da Igreja San Salvador de Palat de Rey. Receberam, respectivamente, o prémio de melhor apresentação oral e em poster por trabalhos efectuados durante o intercâmbio do Programa Erasmus no DCV, pelo que co-autorados por docentes e investigadores desta instituição.

Os prémios que, inicialmente, distinguiram uma licenciada e, posteriormente, estudantes de mestrado, em 2016 começaram a contemplar doutorandos em Antropologia, área de especialização em Antropologia Biológica. Assim, foram atribuídas menções honrosas a Bruno Magalhães pelo trabalho que testou a hipótese de associação entre

esporões septais e as doenças cardiovasculares em indivíduos das coleções identificadas e, em 2018, a Álvaro Monge Calleja pelo estudo de hemoglobinopatias em esqueletos de crianças de Almeirim.

O crescente número de trabalhos submetidos e a elevada qualidade mostram bem a vitalidade da disciplina.

Simpósios, Workshops e Mesa Redonda

Em 2016 integraram o programa das JPP um workshop intitulado *The new Coimbra method for recording enthesal changes* organizado por Charlotte Y. Henderson (CIAS) e o simpósio *Osteoporose e fraturas osteoporóticas: passado, presente, futuro* da responsabilidade de Francisco Curate.

Nas V Jornadas decorreram dois simpósios: o primeiro consagrado à *Saúde e morte na capital da província romana da Lusitânia* organizado por Filipa Cortesão Silva, correspondente ao tema da sua tese de doutoramento, o segundo denominado *Escravos: recuperando a identidade através dos ossos* dirigido por Francisco Curate e Maria Teresa Ferreira.

A solicitação de Hugo Cardoso para o envio de esqueletos de Portugal para a Universidade Simon Fraser, instituição onde leciona no Canadá, despoletou a mesa redonda *Reflexões sobre gestão de esqueletos humanos* (lei, ética e património cultural) organizada por Cidália Duarte, Eugénia Cunha e Francisca Alves-Cardoso.

Outros eventos

Em 2010 as JPP decorreram imediatamente depois do congresso *Anthropology and health: trends for the next decade* ([Santos et al., 2010](#)) organizado pelo CIAS. A prova de vinhos realizada pela enóloga Goreti Botelho, docente da Escola Superior Agrária de Coimbra, encerrou este evento e deu as boas-vindas aos participantes das II JPP.

Nesse mesmo ano, o recém-criado *International Journal of Paleopathology* foi anunciado, com um PowerPoint produzido para o efeito por Jane Buikstra e traduzido por Sheila Mendonça de Souza. O primeiro volume desta revista oficial da PPA saiu em março de 2011. Até à presente data, conta com 18 artigos, duas 'short communications' e uma recensão crítica escritos por autores portugueses. No entanto, a maioria destes estudos não foram apresentados na JPP. Obviamente, há artigos publicados noutras revistas, como por exemplo na *Anthropological Science*, *Anthropologischer Anzeiger*, *Antropologia Portuguesa*, *Archaeological and Anthropological Sciences*, *International Journal of Osteoarcheology* e *Journal of Archaeological Science*, mas também estes, genericamente, foram exibidos noutros congressos. Este aspecto suscita a interrogação: porque não são apresentados no congresso nacional os estudos com maior capacidade de publicação? Por outro lado, o número de publicações resultantes das comunicações orais e em poster está muito abaixo do valor desejado. Na realidade, a maioria dos trabalhos são apresentados por mestrandos, o que corresponde ao foco original das JPP,

mas que, terminadas as dissertações, raramente publicam os seus estudos.

Nas V JPP ocorreu o lançamento do livro *A saúde dos nossos antepassados* de Jorge A. Suby ([2015](#)), saído a prelo com a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra. Esta obra resulta da tradução revista e atualizada do original em língua espanhola publicada na Argentina em 2012. Apesar do enorme desenvolvimento da paleopatologia em Portugal, este é apenas o segundo livro editado em Portugal sobre esta disciplina. O primeiro, também uma tradução, data de 1969 e consiste no clássico *Ossos, corpos e doenças* de Calvin Wells ([1964](#)), um relevante investigador da paleopatologia internacional ([Roberts e Manchester, 2012](#)).

Por último, refira-se que durante as várias edições, eventualmente em todas, mas a memória não permite a confirmação, estiveram à venda, com a colaboração de alunos voluntários, coordenados por Ana Maria Silva, publicações editadas pelos extintos DA e MA e a revista *Antropologia Portuguesa*. Nas V e VI Jornadas juntaram-se as publicações da Imprensa da Universidade de Coimbra e da Imprensa Nacional Casa da Moeda, distribuidora da primeira.

As Comissões de Honra e Científicas

Desde a primeira edição que as jornadas contam com uma Comissão de Honra que inclui o Reitor da UC, Director da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Director do Departamento de Antropologia e, posteriormente, do DCV e a Coordenadora do CIAS. Em 2008 constaram também o Professor

Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia, decano de Antropologia, e a Coordenadora do Museu Antropológico. Nalgumas edições foram incluídos o Governador Civil do Distrito de Coimbra e o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra. Desde a II edição que as sucessivas Presidentes do GEEvH, Eugénia Cunha, Susana Carvalho e Sandra Assis integram esta Comissão.

A revisão científica dos resumos submetidos foi efectuada ao longo das seis edições pelas docentes envolvidas no estudo do esqueleto humano e pelos elementos da Comissão Organizadora (CO). Da Universidade de Coimbra: Eugénia Cunha, Ana Luisa Santos, Ana Maria Silva, Cláudia Umbelino e Sofia Wasterlain e da Universidade de Évora, Teresa Matos Fernandes. Em 2010 foi incluída Francisca Alves Cardoso que, entretanto, tinha concluído o doutoramento. Em 2014 a Comissão Científica manteve os elementos das anteriores edições, e incluiu Cristina Barroso Cruz (anteriormente na CO) e Charlotte Y. Hendersen, bolseira de Pós-Doutoramento no CIAS. Nesse ano, estendeu-se à história da medicina, com a entrada de Maria do Sameiro Barroso e internacionalizou-se. Nesse sentido, foram convidados Jorge A. Suby, investigador Argentino que em 2011 tinha realizado um Pós-Doutoramento no DCV/CIAS; Josefina Bautista, do Instituto Nacional de Antropologia e História do México; e M. Paz de Miguel Ibáñez [mais conhecida por Patxuka], da Universidade de Alicante. No ano seguinte, juntaram-se aos elementos anteriores Susana Garcia, docente no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), Maria Teresa Ferreira, à época docente

convidada do DCV, Luciana Sianto, chegada à UC em finais de 2014 com uma bolsa do CNPq (Brasil) e Luis Rios de Espanha (ambos estiveram na Comissão Científica exclusivamente em 2016). Em 2018, do Brasil e da Argentina entraram, respectivamente, Cláudia Cunha, doutorada em Antropologia, especialização em Antropologia Biológica, pela Universidade de Coimbra, e Leandro Luna que em 2013 e em 2018 esteve como investigador visitante nos DCV/CIAS.

Os livros de *Programa-resumos*

Os resumos das comunicações apresentadas nas JPP, seja na forma oral ou em poster são compilados no livro de resumos que inclui também o programa, entre outros dados do evento. Desde a primeira edição, que estes livros são colocados em livre acesso no [Estudo Geral](#), repositório digital da Universidade de Coimbra. Esta plataforma online, permite desde 2014, aceder ao número de visualizações e/ou *downloads* por proveniência geográfica. Os dados são atualizados diariamente pelo que a informação aqui apresentada foi recolhida no dia 12 de fevereiro de 2019.

A [Figura 6](#) representa o número de vezes que cada um dos seis livros de resumos foi visualizado e/ou descarregado. No total, ocorreram 2278 visualizações e 1067 *downloads*. Exceptuando o livro das I JPP, o número de visualizações foi superior ao número de descargas pois para ser consultado não é necessário descarregar o ficheiro.

O livro de resumos da V edição apresentou um maior número de visualizações (44%) e é o

segundo mais descarregado (25%), sendo ultrapassado apenas pelo livro das IJPP (26%). Os restantes livros apresentam valores similares e sem grandes oscilações. Talvez o mais importante, seja o número total de visualizações (n=2278) dado que reitera as JPP como um evento importante dentro da comunidade científica.

Uma das opções de análise do *Estudo Geral* é a distribuição das visualizações e *downloads* por meses ([Figura 7](#)) verificando-se que especialmente estes últimos ocorrem nos meses próximos ao evento: novembro (n=163), dezembro (n=110) e janeiro (n=149), somando 40%. Este fenómeno não é tão claro nas visualizações, contudo é possível observar um aumento a partir de outubro.

O *Estudo Geral* permite ainda a identificação dos 10 países com maior número de visualizações e de *downloads* sendo os demais agrupados como ‘outros’. De forma a facilitar a análise, os resultados dos 6 livros foram reunidos e a [Figura 8](#) apresenta o “top 10” de países que lideram as visualizações e descargas (respectivamente 2278 e 1067). Importa referir que se observou atividade em todos os continentes, exceto na Oceânia.

Identificaram-se 25 países que estiveram posicionados, pelo menos uma vez, no “top 10” de visualizações e *downloads*. Muitos outros se poderiam juntar a estes, já que a categoria ‘outros’ soma 165 visualizações e 87 *downloads*. Como seria de esperar Portugal lidera com 495 (21,7%) visualizações e 398 (37,3%) livros descarregados.

No que respeita aos 10 países com mais visualizações ([Figura 9](#)), os Estados Unidos da

América ocupam um lugar de destaque, seguidos da Polónia e Portugal *ex aequo*. Estes 3 países correspondem a 62% do total. Uma possível explicação para o grande número de visualizações nos EUA poderia estar no facto dos motores de pesquisa como Google académico estarem sediados no país. No entanto, o uso de filtros pela UC impede que os *crawlers* façam a indexação automática dos documentos depositados no *Estudo Geral*.

O idioma parece não impedir a expansão das jornadas além-fronteiras, já que a par de Portugal surge a Polónia, seguidos da China e da Rússia, países com, inclusivamente, mais visualizações que o Brasil. Estes dados são particularmente relevantes por mostrarem que as Jornadas, apesar de “Portuguesas”, possuem um carácter global.

Como se pode observar na [Figura 10](#) o cenário correspondente aos *downloads* é um pouco diferente. Os resultados indicam que o país que mais descarrega o(s) livro(s) de resumos é Portugal (46%). Em segundo posiciona-se a Alemanha (14%), seguida do Brasil (11%). Alguns países reiteram a sua presença, como é o caso dos EUA (3%), da Polónia (2%), da França (7%) e da China (5%). Contudo, aparecem agora países como Espanha (9%), Angola (1%) e Argentina (0,4%). Convém mencionar que *ex aequo* com a Argentina estão o Benim, o Canadá e o Luxemburgo. No caso de Espanha a proximidade geográfica, o facto do castelhano ser uma das línguas oficiais do congresso e a participação de vários palestrantes e investigadores, pode explicar a expansão das JPP até ao país vizinho. A presença angolana,

pode dever-se à proximidade linguística, já o Benim representa um mistério.

O caso da Argentina não surpreende, como consta na [Figura 2](#), existem trabalhos realizados em indivíduos deste país. Por outro lado, Jorge A. Suby (2014, 2016) e Leandro Luna (2018) integraram a Comissão Científica e, nos últimos anos, contam-se cerca de uma dezena de pesquisadores argentinos que realizaram períodos de investigação na UC. A

estes factos podem ainda associar-se a presença de investigadores portugueses em cursos e conferências como por exemplo o *Taller Nacional Bioarqueología y Paleopatología* e o *PAMinSA (Paleopathological Association Meeting in South America)* com duas edições a terem tido lugar na Argentina, respectivamente em Necochea (2009) e Buenos Aires (2015) por consituírem formas de divulgação dos estudos realizados em Portugal.

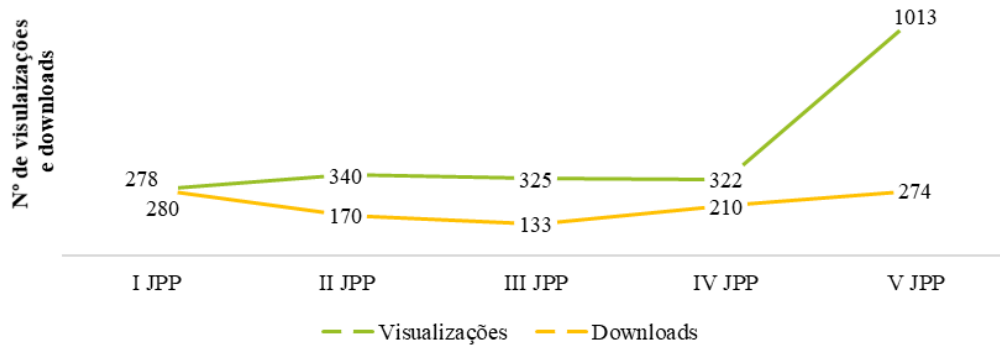


Figura 6 - Número de visualizações e *downloads* de cada um dos livros de *Programa-resumos* entre 2014 e 12 de fevereiro de 2019. Dados disponibilizados pelo *Estudo Geral* da Universidade de Coimbra.

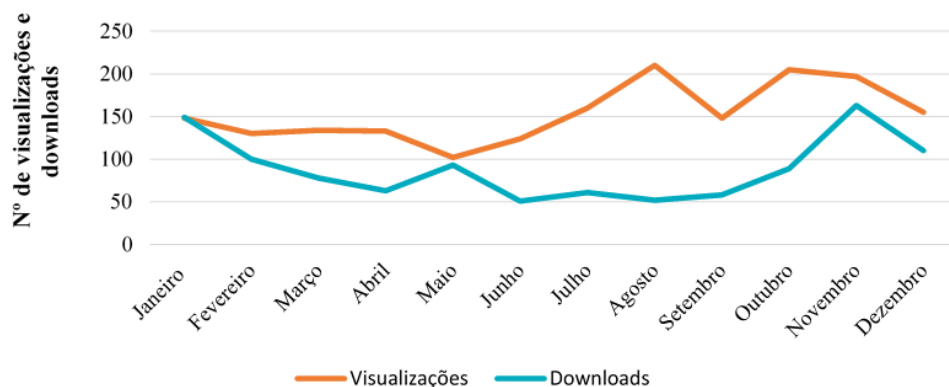


Figura 7 - Número de visualizações (n=2278) e *downloads* (n=1067) distribuídos pelos meses do ano. Dados disponibilizados pelo *Estudo Geral* da Universidade de Coimbra.

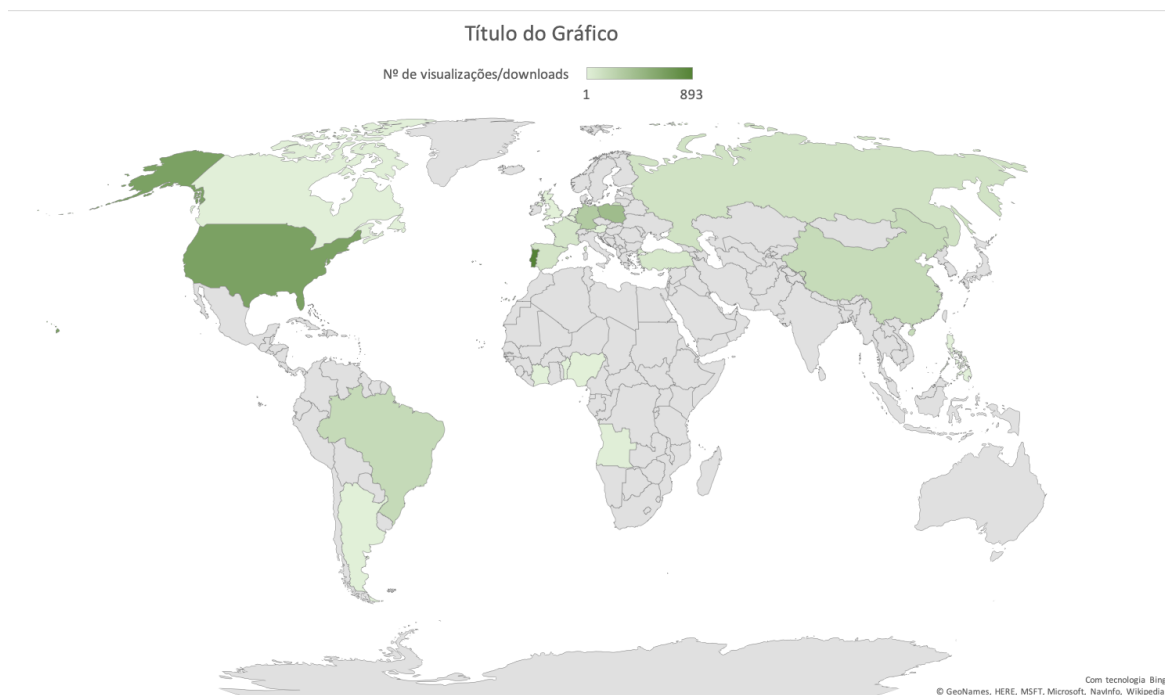


Figura 8 - Distribuição do número de visualizações e *downloads* pelos diferentes países. Dados disponibilizados pelo *Estudo Geral* da Universidade de Coimbra.

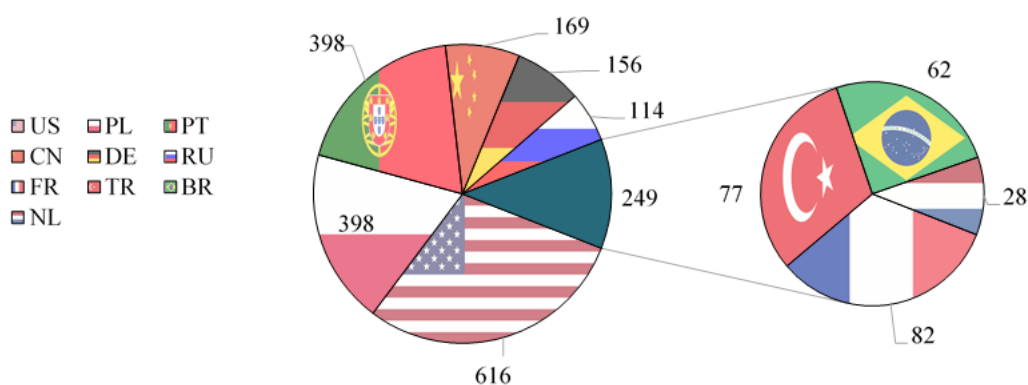


Figura 9 - Representação dos 10 países que realizaram mais visualizações aos livros de resumos das seis edições das JPP. Dados disponibilizados pelo *Estudo Geral* da Universidade de Coimbra. BR-Brasil, CN-China, DE-Alemanha, FR-França, PL-Polónia, PT-Portugal, RU-Rússia, TR-Turquia, US-Estados Unidos da América.

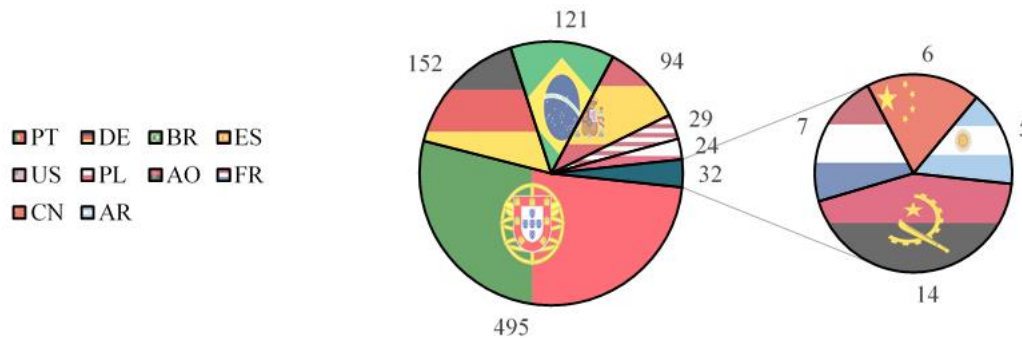


Figura 10 - Representação dos 10 países que realizaram mais *downloads* dos livros de *Programa-resumos* das seis edições das JPP. Dados disponibilizados pelo *Estudo Geral* da Universidade de Coimbra. AO-Angola, AR-Argentina, BR- Brasil, CN-China, DE-Alemanha, ES-Espanha, FR-França, PL-Polónia, PT-Portugal, US-Estados Unidos da América.

Genericamente, estes dados vêm corroborar o já revelado, tanto pelo número de participantes internacionais, como pela diversidade da origem das amostras, as Jornadas Portuguesas de Paleopatologia são um evento com impacto internacional e que, graças às novas tecnologias, são muito mais do que um encontro científico bienal, são fortes divulgadoras de ciência e da disciplina paleopatológica.

Comentários finais

Este trabalho procurou sintetizar e interpretar os factos relativos à criação e ao desenvolvimento das Jornadas Portuguesas de Paleopatologia durante a sua primeira década. Será desejável que este documento sirva de base de reflexão para o futuro desta importante reunião científica nacional.

Da análise constata-se a vitalidade da disciplina com cerca de dois terços das

comunicações orais na última edição a terem sido apresentadas por estudantes de mestrado ou doutoramento. No entanto, seria desejável que os investigadores séniores considerassem também expor os seus estudos nas JPP, o que funcionaria como um fórum de divulgação e formação. Verifica-se ainda uma certa estagnação no número de participantes e de trabalhos apresentados, sendo importante cativar mais investigadores, nomeadamente estrangeiros.

Como aspectos positivos dignos de nota, indica-se o forte cunho interdisciplinar, a crescente tendência para a aplicação de metodologias complementares à clássica observação macroscópica, a ampla distribuição dos indivíduos estudados tanto em termos geográficos como cronológicos e o elevado número de visualizações e *downloads*, nacionais e internacionais, dos livros de *Programa-resumos* disponíveis no *Estudo Geral*.

O local de proveniência dos vestígios osteológicos, dentários ou mumificados inclui para além de 16 distritos de Portugal continental, países como Argentina, Brasil, Egito, Espanha, Dinamarca, Itália, Jamaica, México e Polónia. No entanto, poucos foram os trabalhos apresentados que resultaram em publicação. Este ponto carece de especial atenção pois, por um lado, pode significar que os autores, nomeadamente os estudantes, não atingem essa etapa do trabalho científica e, por outro, que os estudos mais publicáveis não são apresentados em Portugal. De salientar ainda a elevada qualidade dos trabalhos apresentados por estudantes que se manifesta pela atribuição de prémios e menções honrosas.

Depois do sucesso incontestável da Comissão Organizadora nos dez primeiros anos das Jornadas Portuguesas de Paleopatologia na Universidade de Coimbra, a VII edição terá lugar na Universidade de Évora.

Agradecimentos

A Ana Miguéis e ao Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra pelas informações acerca do Estudo Geral.

A autora agradece às Comissões Organizadoras os convites para conduzir as cerimónias de Encerramento das Jornadas Portuguesas de Paleopatologia que serviram de mote para a redação deste texto e que tiveram na última edição a co-autoria do autor.

Bibliografia

I Jornadas Portuguesas de Paleopatologia: a saúde e a doença no passado. Programa-resumos. 2008. Coimbra, CIAS, GEEvH,

Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/15397>

Braga, P. D. 2014. À cabeceira do Rei: doenças e causas de morte dos soberanos portugueses entre os séculos XII e XX. Lisboa, A esfera dos livros.

Buckberry, J. 2016. V Jornadas Portuguesas de Paleopatologia (5th Portuguese Meeting of Paleopathology). Paleopathology Newsletter, 179: 8-9.

Cunha, E. 2015. O mestrado em Evolução Humana já é adulto. Cadernos do GEEvH, 4(1): 72-74.

Cunha, E.; Santos, A. L. 2003. Preface to the proceedings of the 14th European Meeting of the Palaeopathology Association in Coimbra, Portugal. International Journal of Osteoarchaeology, 13(5): 265.

European Meeting of the Paleopathology Association. 2002. 14th EMPPA Program – Abstract. Coimbra, Portugal. 172p. + List of participants + index. ISBN 972-9006-42-3. <http://hdl.handle.net/10316/15367>

Lopes, C.; Cruz, C. B.; Leandro, I.; Oliveira-Santos, I.; Silva, F. C.; Curate, F.; Assis, S.; Matos, V. 2016. V Jornadas Portuguesas de Paleopatologia: a saúde e a doença no passado. Programa-resumos. Coimbra, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde. <http://hdl.handle.net/10316/33669>

Marques, C.; Lopes, C.; Cruz, C. B.; Silva, F. C.; Curate, F.; Peneda, M.; Assis, S.; Matos, V. 2010. II Jornadas Portuguesas de Paleopatologia: a saúde e a doença no passado. Programa-resumos. Coimbra, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde. <http://hdl.handle.net/10316/15396>

Marques, C.; Lopes, C.; Cruz, C. B.; Silva, F. C.; Curate, F.; Assis, S.; Matos, V. 2012. III Jornadas Portuguesas de Paleopatologia: a saúde e a doença no passado. Programa-resumos. Coimbra, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde. <http://hdl.handle.net/10316/21143>

Marques, C.; Lopes, C.; Leandro, L.; Silva, F. C.; Curate, F.; Assis, S.; Matos, V. 2014. IV Jornadas Portuguesas de Paleopatologia: a saúde e a doença no passado. Programa-resumos. Coimbra, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde. <http://hdl.handle.net/10316/27754>

Marques, C.; Lopes, C.; Silva, F. C.; Curate, F.; Leandro, L.; Oliveira-Santos, I.; Assis, S.; Matos, V. 2018. VI Jornadas Portuguesas de Paleopatologia: a saúde e a doença no passado. Programa-resumos. Coimbra, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde. <http://hdl.handle.net/10316/81685>

Moisão, C. 2018. A arte das mãos: cirurgia e cirurgiões em Portugal durante os séculos XII a XV. Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.

- Patrício, J. 2018. Memórias da Medicina de ontem: Antropologia da doença - Ex-votos. Porto, Modo de ler.
- Prates, C.; Sousa, S.; Oliveira, C.; Ikram, S. 2011. Prostate metastatic bone cancer in an Egyptian Ptolemaic mummy, a proposed radiological diagnosis. *International Journal of Paleopathology*, 1(2): 98-103.
- Prates, C.; Oliveira, C.; Sousa, S.; Ikram, S. 2015. A kidney's ingenious path to trimillennar preservation: Renal tuberculosis in an Egyptian mummy? *International Journal of Paleopathology*, 11(1): 7-11.
- Roberts, C.; Manchester, K. 2012. Calvin Percival Bamfylde Wells (1908-1978). In: Buikstra, J. E.; Roberts, C. A. (Eds.) *The global history of Paleopathology: pioneers and prospects*. Oxford, Oxford University Press. p. 141-145.
- Santos, A. L. 2008. First Portuguese Meeting in Paleopathology. *Paleopathology Newsletter*, 143: 4-5.
- Santos, A. L. 2011. Second Portuguese Meeting of Paleopathology. *Paleopathology Newsletter*, 153: 13-14.
- Santos, A. L. 2012. Portuguese Meeting in Paleopathology. *Paleopathology Newsletter*, 160: 8.
- Santos, A. L. 2015. 4th Portuguese Meeting in Paleopathology. *Paleopathology Newsletter*, 169: 6.
- Santos, A. L.; Cunha, E. 2012. Portuguese development in Paleopathology: an outline history. In: Buikstra, J. E.; Roberts, C. A. (Eds.) *The global history of Paleopathology: pioneers and prospects*. Oxford, Oxford University Press. p. 503-518.
- Santos, A. L.; Silva, A. M. D. 2016. Diseases and causes of death among women admitted (1851-1926) to the Hospital of the Venerable Third Order of St. Francis Penance in Coimbra (Portugal). 21st European Meeting of the Paleopathology Association. Moscovo, Rússia. [Comunicação oral].
- Santos, A. L.; Gama, A.; Padez, C.; Manco, L.; Ferrão, M. M.; Marques, V. R.; Matos, V. (eds.) 2010. Program – Abstract Book: Anthropology and Health: trends for the next decades. Coimbra, CIAS. <http://hdl.handle.net/10316/15350>
- Suby, J. 2012. La salud de nuestros antepasados: una mirada sobre la Paleopatología. Quequén, Buenos Aires: Laboratorio de Ecología Evolutiva Humana.
- Suby, J. A. 2015. A saúde dos nossos antepassados. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1109-9>
- Wells, C. 1964. *Bones, Bodies and Diseases*. London, Thames and Hudson.
- Wells, C. 1969. *Ossos, corpos e doenças*. Lisboa/Cacém, Publicações Europa-América.